

Seonghwa

Quando as primeiras manchetes pipocaram na tela do celular, Seonghwa ainda nem tinha tomado o primeiro gole de café. A fumaça subindo em espirais no vídeo ao vivo parecia destoar da manhã clara lá fora — o céu sobre Neukdae estava de um azul calmo, mas o abrigo de animais ardia como um pesadelo.

Ele apertou a caneca entre os dedos, num gesto quase protetor, e ficou em silêncio. Não era raro que as notícias da cidade viessem carregadas de política e disputas de poder, mas havia algo diferente ali: a vulnerabilidade nua, o medo estampado no olhar dos voluntários que apareciam nas imagens, correndo com caixas de transporte, enrolando cães em cobertores, tentando acalmar gatos que miavam desesperados... o tipo de caos que não se resolve com discursos bem ensaiados nem com promessas em palanque.

A reportagem mostrou Jin Yamato cercado de câmeras, já providenciando abrigos provisórios, e em seguida Kim Kangjoon garantindo a reconstrução do espaço em tempo recorde. Seonghwa mal prestou atenção às falas; o olhar dele ficou preso no detalhe quase imperceptível de um filhote trêmulo, envolto em uma toalha molhada, lambendo a mão da voluntária que o carregava. Foi nesse instante que o peso da tragédia pousou de vez sobre ele, não como uma indignação ruidosa, mas como uma certeza silenciosa: aqueles animais não sabiam de PECs, eleições ou disputas entre senadores. Eles só sabiam que, de repente, não tinham mais um lar.

A página do abrigo na internet estava congestionada, mas depois de algumas tentativas ele conseguiu abrir o formulário. “*Necessidade urgente de lares temporários*”, dizia a primeira linha em vermelho. Seonghwa respirou fundo, largou a caneca na pia e, antes que a razão tentasse impedi-lo, começou a preencher os campos com a calma metódica que usava para descrever vinhos: nome, endereço e disponibilidade.

Quando clicou em “enviar”, uma pontada de ansiedade e um sorriso surgiram ao mesmo tempo. Era um gesto pequeno diante da dimensão da tragédia, mas era algo real. Dois espaços vazios em sua casa logo seriam ocupados por patas curiosas e rabos balançando. Ele se imaginou voltando do trabalho com o aroma de vinho ainda nos dedos e sendo recebido por olhares luminosos e narizes úmidos, e sentiu um calor crescer no peito — não o calor da tragédia, mas o da vida que insiste.